

Transcrição: Memórias Compartilhadas de Márcio Scavone

Olá, eu sou o Márcio Scavoni, eu sou fotógrafo. Eu escrevo também, até eu digo que eu fotografo quando fica difícil escrever e eu escrevo quando é impossível fotografar. Eu tô aqui nesse museu Felícia Lerner, no Auditório, esse lugar maravilhoso, que me inspira muito, sabe? Por vários motivos. Um deles é que eu conheci a Felícia. As pessoas ficam surpresas. Eu tinha, sei lá, pré-adolescente, 12, 13 anos.

A minha avó foi romancista e foi muito amiga da Felícia. Conversavam de mão dada, coisa extraordinária. E o meu avô, José Geraldo Vieira, foi crítico de arte, também escritor, e escreveu muito sobre a Felícia. Então eu tenho uma memória profunda de primeiros contatos com Campos do Jordão. Foi na casa deles, a casa do telhado verde, que tinha um quintal, um jardim atrás, cheio de escultura, que foi o começo de tudo isso que você vê lá fora.

Felícia era uma senhora muito doce, de um olhar agudo, maquiado, os olhos assim... Paz. Sempre enxerguei isso nela, o delicado. E faz um contraponto com a obra dela, que às vezes é aguda, escarpas. Eu fiz um ensaio, também a convite aqui do Museu, sobre a Felícia, e eu chamei de Felícia em preto e branco, porque se você for olhar a obra dela, você acaba caindo nisso mesmo, que vem de um figurativismo cinza, meio tom maravilhoso, que eu acho quase que obrigatório para quem estilhaça depois no abstrato, como foi em Picasso, não tanto.

Principalmente na fotografia, o que me interessa sempre é de onde vem, quem fez, a trajetória, o que é para você realmente entender a importância, a seriedade de um trabalho na arte. O artista pleno não faz uma divisão entre a vida e a arte. A sua vida é a própria arte. E a Felícia me passava isso, uma coisa de uma pessoa totalmente imersa, uma artista totalmente imersa na sua arte. E eu acabei começando um festival de fotografia aqui nesse auditório, pensando na inspiração lá fora, para todos os fotógrafos jovens que viessem, que vêm, que não conhecem a obra da Felícia, que é um museu maravilhoso. Que inspira.

E a Felícia sempre dizia que ela queria a obra dela na natureza, por isso que foi configurado aqui. Céu aberto, com os bichos, sabe? Pássaro. Eu, quando eu fiz o ensaio, eu trouxe o meu cachorro, a Laika, e ela posou aí, ela andou no meio das estátuas. Porque, se você analisar a obra da Felícia, tem muito bicho, tem muito amor ao ser vivo, em contraponto, que é matéria, né? Aqueles habitáculos são casas vazias, brancas, paz. Parece que estão pedindo para serem habitadas. Talvez que a nossa imaginação, né? Enxergar aquilo lá dentro, né? Deixar mesmo, né? Ficar com o moso, o tempo passando. Essa é a força desse museu. E eu vinha bastante. E ela sabia disso. E ela me telefonou. Marcinho, será que você não quer fotografar uma série que eu fiz de pássaro? Eu falei, claro. E eu vinha para o museu de tarde.

Era outro mundo. Eu lembro que o diretor desse museu, o gerente, o Sr. Medeiros, muito simpático, muito bacana, eu pedia pra ele colocar música clássica ao todo, a todo volume aqui. E eu ficava ali em cima, onde agora tem um mirante, dá pra ver a pedra do baú, não tinha nada ali, era um morrinho. E eu achei um tronco, que era um banco, e eu botava um

pássaro de cada vez e ficava esperando a luz mudar. Nas nuvens. E fui fotografando com o filme, claro, com o Márcia Blatt, crômico. Todo esse acervo foi estar com o Adolfo Lerner, filho da Felícia. Quer dizer, foi feito isso. Ainda bem, porque estava a coleção toda junta. Hoje eu tenho um pátio desses, dois, aliás. Ela me deu de presente pelo Job, uma coisa desse lugar aqui, do auditório. A luz natural. A implantação desse auditório, pra mim também, eu sou muito fã daqui. É, pra mim, um dos mais belos do mundo, talvez. No Brasil tá mais fácil.

Qualquer trajeto que você faz, mesmo que demore 15, 20 minutos, é um passeio na natureza, né, que faz parte. Por exemplo, eu tô olhando lá fora, tem neblina. Eu trouxe a câmera. Eu continuo fotografando o museu, Se você entrar no site do Museu Feliz Salerno, tem uma exposição virtual, essa que eu comentei agora, que se chama Feliz em Preto e Branco. Mas eu continuo fotografando, pensando em fazer uma coisa um pouco maior. E hoje tem neblina. Fomos brindados com esse mistério. A neblina nas estátuas brancas, as obras negras saindo, a vermelha branca, outro comportamento dos bichos lá fora.

Quando que um museu, qualquer museu que nunca, é um museu céu aberto. Você toma chuva, fica com frio, fica com calor, vê o sol. Você traz a realidade sensorial com muito mais peso e força do que um museu fechado, por mais belo que seja, um luso, sei lá, o que você quiser, que está sempre dentro de um museu. Quando se depara com uma obra de arte, Na natureza, no planeta, com o céu, a luz do ambiente não é uma luz regulada, como o Museu Rodin, por exemplo, é claro, lá dentro em Paris. A luz que está nas estátuas, ela é permanente, ela é fixa, alguém fez essa luz. A luz que está dando volume nas estátuas da Paris, lá fora, Ela nunca é a mesma. Nunca. Ela é uma vez só.

É um rio que passa. Acho isso muito importante para a gente ter a experiência plena do que ela quis com a tridimensionalidade da obra dela. Eu tenho certeza. Teve um filme super oito, um pequeno documentário, que o meu pai, o Rubens Teixeira Schiavone, fez com o Marcelo, o José Geraldo andando no meio das estátuas, com a Felícia, e falando sobre arte. E uma das frases que ele gostava, o José Geraldo, que eu uso essa frase, ele falava assim, o olho existe em estado selvar, que é a coisa mais bonita do que E nós temos um footage dele andando no jardim da casa dos Leirner, aqui em Campos. Eles chamam de a Casa do Telhado Verde. É uma casa linda, meio americana, com tijolinho, tijolo verde, onde eu fiquei hospedado várias vezes na minha adolescência. E eu tenho esse filme super oito dele andando, céu tempestuoso. Está lá, incrível. Essa figura, figura clássica, como está aqui. O nome, a figura inteira, assim, parece. Uma entrega já da artista. Quando eu olho a expressão desse rosto nessa estátua, e muito bem colocada no caminho dessa Alameda, ela está dizendo assim, olha o que eu vou mostrar para vocês, olha a minha vida, olha o meu caminho.

A neblina é um grão, é uma textura a mais, é aquilo que a gente estava falando. Quando que num museu fechado a gente ia ter esse impacto de temperatura, de cheiro, de natureza? E eles lá, esse mundo delas esparramado. E é muito autobiográfico. Tem sempre a Giselda, tem os netos, tem uma linha maternal da criatividade dela. Tem, é claro, a presença do Holocausto. Sempre tem a vida e tem a morte. Isso é muito claro. Por isso que eu pensei muito nesse título da exposição, que é Feliz em Preto e Branco. Não é só formalmente preto e branco. Os dois rostos aqui estão ligados por uma teia de aranha quase invisível. Parece

uma ponte. Isso já é um motivo para uma exposição. As aranhas e a Felícia. Eu acho que o estado ideal aqui do museu, na minha opinião, é num dia de neblina, que ele compartimenta. É claro que o sol dá uma leitura diferente das estátuas, mas talvez com essa luz difusa a gente sinta os cinzas melhor, as passagens. E cada obra se isola, porque tem uma fronteira de névoa entre uma e outra, sabe? É aqui que a Felícia estilhaça o figurativismo, tudo isso numa vida. É aqui que você se confronta com o fim, com a dureza da vida, com os obstáculos, com o que restou, né? Então essa estátua, Giselda, que é a filha da Felícia, pra mim é o cartão desse museu, dessa obra que é. Eu acredito que, quanto mais pessoal, mais universal. E eu acho que era isso que ela perseguiu também. Esse museu é imperdível, obrigatório conhecer em Campos do Jordão, o Museu Felícia Lerner.